



PRAGMATISMO EM ARISTÓTELES: APROXIMAÇÕES COM AS COMPETÊNCIAS DO ENSINO ATUAL

Alessandro Barreta Garcia¹

Universidade Nove de Julho – UNINOVE, Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é contribuir para uma fundamentação do trabalho docente e do educador social, tendo como base exploratória a potência e ato em Aristóteles. No primeiro momento aborda-se o contexto da prática aristotélica; já no segundo, discorre-se de forma exploratória pelos caminhos das competências sob a exigência das novas tendências educacionais. E sobre a fundamentação da teoria educacional de Aristóteles foi utilizada uma análise historiográfica da obra *Ética a Nicômaco*. Como resultado pode-se perceber que o pragmatismo de Aristóteles pode se relacionar com as competências vivenciadas pela experiência dos indivíduos no ensino atual.

Palavras-chave: Aristóteles; Educação; História da Educação; Pragmatismo.

PRAGMATISM IN ARISTOTLE: APPROACHES TO CURRENT TEACHING SKILLS

Abstract

The aim of this paper is to contribute to a foundation of teaching and of the social educator, having as an exploratory basis the power and act in Aristotle. At first, it addresses the practical context of Aristotle, then, it discusses in an exploratory way the paths of skills under the demands of the new educational trends. Moreover, on the merits of Aristotle's educational theory, a historiographical analysis of the work *Nicomachean Ethics* was used. As a result, we can see that Aristotle's pragmatism can relate to the skills experienced by individuals in current education.

Key words: Aristotle; Education; Education History; Pragmatism.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho. Especialista em Saúde da Mulher no Climatério 2003-2004 e 2004-2005 pela Universidade de São Paulo. Possui Licenciatura e Bacharelado em Educação Física pela Universidade Nove de Julho. Atualmente é docente do Departamento de Educação da Universidade Nove de Julho, nas disciplinas de História e Introdução à Educação Física, Antropologia e Sociologia da Educação, TCC I e TCC II. Suas pesquisas relacionam conhecimentos da Antropologia, História, Filosofia da Educação e História da Educação Física.



PRAGMATISMO EM ARISTÓTELES: APROXIMAÇÕES COM AS COMPETÊNCIAS DO ENSINO ATUAL

INTRODUÇÃO

A autonomia do homem que se sobrepõe às explicações religiosas dos deuses, mas não se desvinculam totalmente delas é adotada desde os tempos mais remotos. Como resultado desses diálogos críticos e da oralidade e letramento, o homem livre assimilava suas ideias de um ideal de educação, se preparando não só para submeter-se ao destino, mas para influenciar e ser agente de transformação, configurando-se, assim, a chamada virtude do guerreiro (JAEGER, 1936).

Com o advento do pensamento crítico da filosofia clássica entre os séculos V e IV a/C, Sócrates, Platão e Aristóteles, distanciavam-se do pensamento constitutivo do cosmo, se preocupando mais com a formação do homem e com a formação de suas virtudes. Dessa forma, as filosofias críticas nascentes no período clássico proporcionam uma maior reflexão, propondo a partir de cada filósofo sugerir uma explicação diferente de educação, bem como caminhos diferentes na busca da verdade (de uma metafísica ou para além do físico).

Por meio de uma prévia leitura da história da educação (LUZURIAGA, 1983; ARANHA, 2006; GARCIA, 2011a; GARCIA, 2011b), observa-se que Aristóteles não é descrito por desenvolver um sistema teórico educacional, embora seja considerado um grande educador.

Cientes que Luzuriaga (1983); Monroe (1988); Marrou (1990) e Piletti e Piletti (2004) não possibilitam tal exploração bem como, maiores associações ao âmbito da educação; formula-se a seguinte pergunta: é possível observar uma associação entre o pragmatismo de Aristóteles e as competências atuais?

A partir deste questionamento temos como objeto de pesquisa as seguintes fontes primárias: a) Aristóteles (1984); Parmênides (1989) e Heráclito (2005), b) secundárias: Delors (1998); Cunha, Ribeiro, Rassi (2007); Mellouki e Gauthier (2007). Nesse sentido, a expectativa é de entender uma possível associação entre a potência e ato com as competências da atual educação.

A metodologia deu-se a partir do tipo de pesquisa historiográfica e interpretativa (SANTOS; ROSSI e JARDILINO, 2000) aplicada neste estudo, utilizando-se das referências da história da educação. O levantamento dos fatos históricos resultou em informações originais e inovadoras para o campo de estudo da história da pedagogia aplicada à área de conhecimento denominado de "Educação".

Logo, não é demais rediscutir temas da antiguidade grega, sempre que eles se apresentem, na atualidade, como fundamentais para uma didática aprofundada ou mesmo para a própria memória da história da educação. Ainda assim, salienta-se que o entendimento de personagens da

antiguidade no âmbito da educação grega é importante para se compreender períodos posteriores. E, notadamente, uma interpretação parcial ou mesmo a falta de informações pode de algum modo repercutir nas futuras análises do pensamento pedagógico.

REVISITANDO ARISTÓTELES

Segundo Hourdakis (1998), a *Ética a Nicômaco* é uma espécie de introdução ao estudo do sistema educacional aristotélico. Aristóteles (1984), em sua obra *Ética a Nicômaco*, busca primeiramente definir o bem e a felicidade. Segundo ele: “bem é aquilo a que todas as coisas tendem” (1094a - p. 49). Sendo assim, as ações humanas se mostram claramente inclinadas para esse bem, e por ser um bem deve ser buscado pela coletividade da cidade. Nesse caso, o fim de uma sociedade é o bem, e por consequência esse bem deve ser conduzido pelas ações humanas (ao pragmatismo).

Ainda assim, para que ocorra essa busca pelo bem ou pela felicidade, deve o cidadão ser educado segundo essa intenção. Segundo Aristóteles (1984), essa busca pela felicidade não deve ser confundida pela sensação de prazer, uma vez que isso só provoca um amor pelos gozos da vida. Essa felicidade precisa ser ela mesma, uma atitude honrosa, já que a honra é necessariamente uma atitude virtuosa.

Divergindo de seu mestre Platão, Aristóteles (1984) explica que: “[...] está claro que o bem não pode ser algo único e universalmente presente, pois se assim fosse não poderia ser predicado em todas as categorias, mas somente numa” (ARISTÓTELES, 1984, 1096b - p. 53).

Aristóteles (1984), como um realista observa que o bem está no real, portanto, entre os homens, não podendo ser ele único. Assim, como existem várias ciências e não uma só, devem existir vários bens. Não obstante, Aristóteles ainda explica que o bem é dos homens, e este por não se diferenciar torna o bem um só, pois o homem é ele mesmo e não poderia ser outra coisa (princípio de identidade).

Nesse caso, o bem em si não se diferencia, assim como o homem em si também não é diferente, ele sempre será homem. Aristóteles sustenta as duas possibilidades. Defende que não existe mudança na essência do homem, pois ele não deixa de ser homem, e defende também que o homem possui seus diferentes bens, pois ele é modificado no tempo. Isto não é uma contradição, pois as duas teorias se complementam e não se contrariam.

Aristóteles (1984) explica que: “É evidente, pois, que falamos dos bens em dois sentidos: uns devem ser bens em si mesmos, e os outros, em relação aos primeiros” (1096b - p. 53). Seguramente que para se compreender melhor utilizamos os fundamentos de Parmênides e Heráclito.

Para Parmênides (1989) significa que o caminho da verdade é o caminho do princípio constitutivo denominado de Ser (o que é imutável), a única via confiável. Parmênides propõe no séc. VI a/C, o chamado poema das duas vias:

Ó jovem, companheiro de aurigas imortais, tu que assim conduzido chegas à nossa morada, salve! Pois não foi mau destino que te mandou perلustrar esta via (pois ela está fora da senda dos homens), mas lei divina e justiça; é preciso que de tudo te instruas, do âmago inabalável da verdade bem redonda, e de opiniões de mortais, em que não há fé verdadeira. No entanto também isto aprenderás, como as aparências deviam validamente ser, tudo por tudo atravessando (PARMÊNIDES, versos 25 e 30, p. 87, 1989).

Entretanto para Heráclito, a inconsistência da via obscura de Parmênides é resolvida pela subjetividade: “No mesmo rio entramos e não entramos, somos e não somos” (HERÁCLITO, fragmento 49a, p. 71, 2005).

Apesar de tal explicação, Aristóteles (1984) defende a realidade e do contrário a explicação das essências é tarefa da metafísica. Contrapondo-se efetivamente e escapando nesse caso do mundo das ideias, Aristóteles busca uma definição atingível e não puramente metafísica. Aristóteles na realidade quer dar um sentido prático ao conceito de bem.

No caso da medicina o bem é a saúde, na arquitetura é uma casa e na estratégia é a vitória. Ainda assim, aponta que tudo que fazemos tem um bem a ser realizado. Segundo Aristóteles (1984): “A felicidade é, portanto, algo absoluto e autossuficiente, sendo também a finalidade da ação” (1097b - p. 55).

Sendo a ação múltipla, é claro que o bem que buscamos depende essencialmente do que se busca e não de outra coisa. Pois esse bem autossuficiente para todos: pai, mãe e filhos é o princípio da cidadania, a busca do bem para todos por meio da ação política (GARCIA, 2011a).

Adiante, Aristóteles quer saber qual é a função do homem? Pois se mãos, pés e olhos, todos possuem uma função, qual será a função do homem? Para o filósofo, essa função é racional e sendo assim é inerente a uma nobre ação. O fato de Aristóteles entender que uma criança não é feliz é porque sua idade ainda não lhe dá poderes políticos para ser feliz. Nesse caso, a criança é um adulto enquanto potência e efetivamente adulta enquanto ato. Portanto a criança é potencialmente adulta, e ao se tornar adulta se torna potencialmente idosa.

Outro componente importante é a virtude intelectual e moral, ambas fazem parte integrante de um processo prático. Aristóteles explica tal processo por meio efetivo da potência e ato. Todos os homens possuem potências, e a partir dos atos existem as mudanças (o movimento). Dessa forma o pragmatismo de Aristóteles é evidente a partir do devir de Heráclito e, portanto, fundamental em sua análise das ações.

Para Aristóteles, o aprendizado das virtudes se dá na prática:

Com efeito, as coisas que temos que aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo; por exemplo, os homens tornam-se arquitetos construindo e tocadores de lira tangendo esse instrumento. Da mesma forma, tornamo-nos justos praticando atos justos, e assim com a temperança, a bravura, etc. (ARISTÓTELES, 1984, 1103b - p. 67).



Portanto cabe aos legisladores imprimir nos cidadãos os bons hábitos, visto que é por meio deles que existe uma cidade justa e feliz. Desse modo se faz a diferença das boas e más constituições, nesse caso, estão dadas as bases de uma educação ativa, do trabalho ou pela ação (movimento).

O meio termo é uma referência prática. O homem não pode ser nem muito corajoso, nem muito fraco. A deliberação antes da tomada de decisão é o fator de suma importância, o que de fato diferencia o homem racional dos animais irracionais.

Para Aristóteles a tripartição da alma se dá pela alma vegetativa proveniente das plantas, a vegetativa e sensitiva proveniente dos animais irracionais e a alma vegetativa, sensitiva e intelectiva proveniente do animal racional (REALE, 2007).

A virtude se desenvolve a partir da prática e do hábito. As nossas relações em comunidade certamente nos proporcionam a experiência que é preciso, e conduz o cidadão a agir conforme a justiça. Sendo assim é a partir de seus atos que o homem deve ser observado, pois é na prática que se determina o caráter do indivíduo. Podemos assim, por meio dessa premissa, encontrar um justo meio para nossas ações. Não se pode realizar um exercício físico de forma muito intensa, porém, não se pode executá-lo minimamente. Todo o excesso é prejudicial, assim como a sua falta. É certo que para Aristóteles (1984), a virtude é mediana, conseqüentemente deve ser deliberada.

Para definir nossa interpretação, as ações virtuosas são aquelas que se afastam dos vícios, ou por excesso, ou por falta. Obviamente que no entendimento de Aristóteles (1984), não é fácil descobrir o meio termo, porém é tarefa do legislador proporcionar ao cidadão a prática necessária.

Na deliberação é preciso saber se existe um ato voluntário ou involuntário, sendo o voluntário a ação cujo motor primário é o próprio agente, e o involuntário a ignorância. Aristóteles (1984) explica que a criança executa ações voluntárias, mas não as escolhe, pois sua capacidade de deliberação ainda não se constitui plenamente, é nesse caso que se compartilha essa ideia ainda hoje, pois a criança não possui autonomia e deve ser protegida e conduzida a fazer suas escolhas. Na atualidade é muito fácil perceber essa preocupação, visto que o estatuto da criança e do adolescente (ECA) compartilha desse mesmo pressuposto (BRASIL, 2004).

Enfim, se as atitudes são honrosas por serem voluntárias, podem ser voluntárias e desonrosas também. Cabendo nesse caso, ao legislador cobrar ou mesmo punir os indivíduos se for o caso. Agora o que é justo? Para Aristóteles (1984) justo é respeitar as leis e injustos são aqueles que não as seguem. Portanto é justo quando se refere ao todo e o todo corresponde à lei, pois é essa que delimita uma ação justa da injusta, promovendo assim uma convivência comum e legítima.



PRAGMATISMO DE DEWEY E SUA POSSÍVEL RELAÇÃO COM ARISTÓTELES

Percebe-se que todos os homens possuem potenciais, ou sob nossa interpretação, competências. O aprendizado prático proporciona ao homem a possibilidade de ser virtuoso. Dessa forma, os escritos práticos de Aristóteles são efetivamente atuais? Para Aristóteles, se aprende fazendo, pois é na ação que se aprende determinada potencialidade ou competência.

Conforme Cunha, Ribeiro, Rassi (2007), Aristóteles é associado ao educador John Dewey, pois, a base científica do filósofo de Estágira proporciona, por interpretação dos comentaristas, a forma de pensar encontrada na obra do estadunidense Dewey. Ao especular a obra de Dewey "Como Pensamos", os autores aproximam a obra ao contexto dos livros: *Primeiros e Segundos Analíticos de Aristóteles*, por outro lado, não se estabelece nenhuma relação com a obra *Ética a Nicômaco*. Assegura-se ainda, que é pela via indutiva que Aristóteles chega aos conceitos que se produzem na memória, portanto vincula-se memória e experiência.

O primordial em Aristóteles é entender que a sensação é seu ponto de partida, sobretudo para sua análise dos universais (TATON, 1959). Partindo do particular em direção ao geral, os sentidos servem como conteúdo do raciocínio, dito isto, a interação entre o sensível e o inteligível é essencial para Aristóteles. Não há preexistência de conceitos, eles se fazem a partir dos sentidos e da operação da memória.

Segundo Andery et al (2001), tanto a indução como a dedução eram importantes, o que sugere o entendimento de Aristóteles como um interacionista. Partindo da indução era possível estabelecer os particulares, e com a dedução formalizar uma regra geral. Tanto para Platão como para Aristóteles, a educação fica a cargo do estado, porém, o como educar perante esse estado já os diferencia.

Os bons hábitos provenientes da experiência são esperados pelos legislados, claro, se assim for um bom legislador. Pois aquele que cobra de seus cidadãos, deve também proporcionar uma educação a partir dos bons hábitos. A experiência para Aristóteles é fundamental no momento das deliberações, pois, as tomadas de decisão certamente se apoiam nas experiências passadas. O educador físico certamente delibera na ocasião de treinar seu aluno, o quanto deve treinar, experimentar tais e quais exercícios e qual a medida exata. Essas são questões práticas que certamente são aperfeiçoadas pela própria prática. Devem ser pensadas e repensadas, e ainda assim, se apresentam como grande problema.

Notadamente a educação prática (ativa), por meio do movimento, da potência em ato é a grande característica educacional a ser observada em Aristóteles. Não obstante, não é possível mensurar totalmente o impacto que Aristóteles exerce hoje em dia. Ainda assim é possível perceber, interpretar e identificar claramente algumas de suas características em suas obras, mesmo que de forma especulativa.



COMPETÊNCIAS ATUAIS E SUAS POSSÍVEIS ASSOCIAÇÕES COM ARISTÓTELES

Para Mellouki e Gauthier (2007), as competências na educação nascem do espírito neoliberal do capitalismo, bem como, das novas exigências do mercado internacional. Contudo, os pesquisadores ressaltam a falência do sistema básico de educação quando na expectativa do mercado internacional. Nesse caso observa-se a inutilidade dos conhecimentos básicos para com a prática nas empresas e indústrias. Para tanto, uma mudança na formação dos professores torna-se necessária, por vezes se dispensando o necessário.

Dada esta situação, o Conselho Nacional de Educação determina que: “Não é por acaso que essas mesmas competências estão entre as mais valorizadas pelas novas formas de produção pós-industrial que se instalam nas economias contemporâneas” (BRASIL, 1998a, p. 21). Estas competências são hoje extremamente valorizadas pelo mercado comercial e industrial, pois assim estamos no momento do saber fazer (da prática ou da ação).

Notadamente as competências são tarefas, e tarefas estas relacionadas ao universo do trabalho. Certamente que uma estrutura mental como observamos anteriormente em “Como Pensamos” de Dewey estão ligadas ao contexto da experiência conforme extraímos de Cunha, Ribeiro e Rassi (2007). Essa mesma experiência que interpretamos como possivelmente relacionada com o pensamento educacional de Aristóteles.

Por outro lado, sabe-se que na antiguidade, outros propósitos eram vivenciados e certamente o contexto amplamente diferenciado não permite fazer uma relação direta, mas apenas uma interpretação associativa, embora pertinente.

Conforme Mellouki e Gauthier (2007) é possível associar a competência com a habilidade de controle do tráfego aéreo. Nesse caso, como já citado anteriormente, o aprendizado das virtudes se dá na prática do Arquiteto ou mesmo nos tocadores de lira utilizado como exemplo por Aristóteles.

No exemplo acima é notável a semelhança com as nossas competências atuais. Segundo Le Boterf apud Mellouki e Gauthier (2007, p. 315): “competência é ao mesmo tempo uma atividade ou uma prática profissional, uma sequência de ações combinando várias habilidades...”. Em síntese. O que a difere do pensamento das potencialidades de Aristóteles? O contexto histórico certamente ou mesmo as ações diferentes, não o processo.

Para Delors (1998) fica claro o empenho de uma nova formação para o trabalho:

Além da aprendizagem de uma profissão, há que adquirir uma competência mais ampla, que prepare o indivíduo para enfrentar numerosas situações, muitas delas imprevisíveis, e que facilite o trabalho em equipe, dimensão atualmente muito negligenciada pelos métodos pedagógicos (DELORS, 1998, p. 20).



Delors (1998) defende explicitamente esta nova ordem mundial, uma educação por meio das competências, estas que convergem para um aprender a fazer, uma educação pelo trabalho, uma verdadeira escola ativa. Por que não das potências?

Conforme Delors (1998): “Há, pois, que preparar cada pessoa para esta participação, mostrando-lhe os seus direitos e deveres, mas também desenvolvendo as suas competências sociais e estimulando o trabalho em equipe na escola” (DELORS, 1998, p. 61). Ressaltamos que essa mudança é tão clara que nesse mesmo texto de Delors (1998) o termo competências foi citado setenta e seis vezes.

Compartilhando de tal ideal a Resolução de 1998 já prevê a utilização destas competências no processo de formação da sociedade:

III - compreensão do significado das ciências, das letras e das artes e do processo de transformação da sociedade e da cultura, em especial as do Brasil, de modo a possuir as competências e habilidades necessárias ao exercício da cidadania e do trabalho. (BRASIL, 1998b).

Conforme essa busca pelas competências aliadas ao processo industrial ou terceiro setor é que a cada dia busca-se eficiência no atendimento e na prestação de serviços. Saber fazer nesse caso é saber trabalhar, é realizar na prática um hábito educacional. De acordo com o Plano de Desenvolvimento da Educação (BRASIL, 2008) é possível criar novos trabalhadores autônomos e competentes. Não era isso que se buscava no ideal educacional de Aristóteles? A guerra era o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aristóteles foi um importante teórico da educação na antiguidade grega, sua obra educacional apesar de ser pouco mencionada por grande parte dos livros de história da educação é explícita quando analisada originalmente. Apesar dessa problemática, foi possível a partir do entendimento da obra, Ética a Nicômaco, perceber uma relação entre o pragmatismo com as competências discutidas hoje na esfera educacional brasileira. Ainda que não se possa relacionar diretamente, pode-se interpretar que tanto o pragmatismo como as competências são resultados da experiência prática dos indivíduos.

É possível perceber também, que a temática das competências parece exercer grande influência na atualidade. Ressaltamos essa evidência a partir do excesso de citações do termo competências, pois somente no relatório de Delors (1998) o termo competências foi citado repetidas vezes. Não obstante, discutir a associação entre competências e o pragmatismo aristotélico pode nos levar a recorrer a uma possibilidade pouco explorada, ou seja, um possível interacionismo em Aristóteles, que em sua proposta prática apresenta elementos indutivos e dedutivos ainda pouco discutidos na esfera educacional.

Referências bibliográficas

ANDERY, M. A. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 10ª. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 2001, 436p.

ARANHA, M. L. A. **História da Educação e da Pedagogia Geral e do Brasil**. 3ª. Edição. São Paulo: Moderna, 2006. 384p.

ARISTÓTELES (II). **Ética a Nicômaco** - Seleção de textos de Jose Américo Motta Pessanha (traduções de) Vincenzo Cocco et al. São Paulo: Abril Cultural, Os Pensadores, 1984, 329p.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. 6ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE Nº 3/98. **Diário Oficial da União**, Brasília - DF, 26 de junho de 1998a.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB Nº 3**, de 26 de junho de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília - DF, 1998b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Educação, Razões, Princípios e Programas**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília - DF, 2008.

CUNHA, M. V.; RIBEIRO, A. P.; RASSI, N. A presença de Aristóteles no livro "como pensamos", de John Dewey. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 83-107. Dez. 2007.

DELORS, J. (Col.). **Educação um Tesouro a Descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. UNESCO/Edições ASA/Cortez 1997 for the Brazilian edition, 1998.

GARCIA, A. B. A política de Aristóteles e o sistema teórico de educação da cidade. **Revista Eletrônica de Educação (São Carlos)**, v. 5, n. 1, p. 79-90, 2011a.

GARCIA, A. B. **Aristóteles nos manuais de história da educação**. 1. Edição, São Paulo: Clube de Autores, 2011b.

HERÁCLITO. **Os pensadores originários**. Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Traduções de Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewsky 4 ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005, p. 93.



HOURLAKIS, A. **Aristóteles e a Educação**. Tradução de Albertina Pereira Leite Piva. São Paulo: Loyola, 1998, 151p.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira. Lisboa: Áster, 1936. 1343p.

LUZURIAGA, L. **História da Educação e da Pedagogia**. Trad. Luiz Damasco Penna e J.B. Damasco Penna. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983, 292p.

MARROU, H. **História da Educação na antiguidade**. Tradução de Mário Leônidas Casa-Nova, 5ª reimp. São Paulo: EPU, 1990, 639p.

MELLOUKI, M. e GAUTHIER, G. Da abordagem por competência e do problema da medida da competência. **Eccos – Revista Científica**, São Paulo. v. 9, n. 2, p. 307-328, jul/dez. 2007.

MONROE, P. **História da Educação**. Tradução de Idel Becker, 19. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1988, 387p.

PARMÊNIDES. **Os pré-socráticos I**. Fragmentos, doxografia e comentários / seleção de textos e supervisão José Cavalcante de Souza; dados biográficos Remberto Francisco Kuhnen: Traduções José Cavalcante de Souza, Anna Lia Amaral Prado. 4.ed. São Paulo: Nova Cultura, 1989. (Os Pensadores).

PILETTI, C. e PILETTI, N. **Filosofia e História da Educação**. 15. ed., São Paulo: Editora Ática, 2004, 264p.

REALE, G. **A história da filosofia grega e romana v. IV. Aristóteles**. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2007, 195p.

SANTOS, G. T.; ROSSI, G.; JARDILINO, J. R. L. **Orientações metodológicas para elaboração de trabalhos acadêmicos**. 2. ed. São Paulo: Gion Editora e Publicidade, 2000, v. 1, 130 p.

TATON, R. (Org.) Col. Tomo I - A ciência antiga e medieval 2º volume – **As ciências no mundo grego e romano**. Tradução de Ruy Fausto e Gita K. Ghinzberg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959, 208p.

Enviado em: 20/09/2011

Aceito em: 17/04/2012